

ESTUDO BÍBLICO

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA RELAÇÃO PROFÉTICA ENTRE O LIVRO DE DANIEL E APOCALIPSE EM CONSONÂNCIA COM OS EVANGELHOS

Passagens fundamentais e esperança em Jesus Cristo

Personalizado por:

Ruperto Bravo Benavente (R.B.B.)

Reina-Valera 1960

Nuevo Testamento Interlineal Griego-Español

Francisco Lacueva

Sumário

Propósito e critérios de leitura.....	3
1 A soberania de Deus e os reinos humanos.....	4
2 O Filho do Homem e a autoridade de Jesus Cristo.....	4
3 As bestas e a perseguição dos santos.....	5
4 A profanação histórica e sua projeção profética.....	6
5 As setenta semanas e o Messias.....	7
6 A abominação desoladora e os Evangelhos.....	7
7 A grande tribulação e a libertação prometida.....	8
8 Os períodos proféticos e seus limites.....	9
9 Israel Jerusalém e os redimidos das nações.....	10
10 Os juízos o engano e o testemunho.....	10
11 A vinda gloriosa e a vitória do Cordeiro.....	11
12 O arrebatamento e sua relação com a profecia.....	12
13 As ressurreições o reino e o juízo final.....	13
14 A nova criação e a esperança eterna.....	13
15 A revelação e a vigilância cristã.....	15
Dúvidas frequentes.....	16
Conclusão pastoral.....	17
Perguntas para estudo e conversa.....	18
Bibliografia e notas de consulta.....	19
Anexo · Infografia do estudo	20
Resenha curricular do compilador	21

Propósito e critérios de leitura

Daniel, os Evangelhos e Apocalipse convergem em uma afirmação: Deus governa a história e Jesus Cristo levará seu propósito ao cumprimento. O estudo reúne as passagens centrais e suas conexões para que o leitor possa distinguir o que o texto declara, o que outra passagem esclarece e o que depende de uma interpretação dos últimos tempos.

Os textos diretos descrevem o acontecimento ou símbolo estudado. Os complementares oferecem contexto, características, esperança ou promessas; não descrevem necessariamente o mesmo momento. Cada referência vem acompanhada de um resumo próprio. Os resumos não são citações literais nem substituem a leitura completa da passagem. As traduções de breves citações espanholas são editoriais, não citações de uma Bíblia publicada em português.

A exposição segue uma orientação futurista e pré-milenista, com expectativa de arrebatamento anterior à grande tribulação e continuidade das promessas a Israel. Essas posições são apresentadas como uma harmonização doutrinária, sem transformar pontos discutidos em declarações explícitas de todas as passagens. A salvação está fundamentada na graça de Deus e na obra consumada de Cristo, recebida pela fé.

A revisão é bíblica e textual, centrada na Reina-Valera 1960 e na consulta pontual ao interlinear de Lacueva; não pretende apresentar um levantamento completo da pesquisa acadêmica nem de todas as alusões possíveis. Não se atribuem identidades contemporâneas às bestas nem datas ao retorno do Senhor.

Passagens centrais: Daniel 2; 7; 8; 9:24-27; 11:31-45; 12; Mateus 24-25; Marcos 13; Lucas 21; João 5:24-29; 14:1-3; Apocalipse 1; 5-7; 11-13; 17; 19-22. Primeira Tessalonicenses 4:13-18 e Romanos 11 são utilizados como apoio complementar.

Exposição bíblica

1 A soberania de Deus e os reinos humanos

Textos diretos e resumo. Daniel 2:31-45: a estátua representa reinos sucessivos; a pedra que a destrói anuncia um reino estabelecido por Deus. Daniel 7:17-18,23-27: as bestas representam reis ou reinos, e o domínio definitivo pertence aos santos do Altíssimo. Apocalipse 11:15: proclama-se o governo de Deus e de seu Cristo sobre o mundo.

Textos complementares e resumo. Daniel 2:20-22: Deus muda tempos e autoridades e concede sabedoria. Lucas 1:32-33: o filho anunciado a Maria recebe o trono de Davi e um reino sem fim. João 18:36: a autoridade de Jesus não procede do sistema de poder deste mundo.

Explicação textual. Daniel 2 identifica expressamente Nabucodonosor como a cabeça de ouro. A sequência Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma é a identificação tradicional adotada aqui; outros intérpretes distinguem a Média da Pérsia e entendem a Grécia como quarto reino. Daniel 7 não nomeia todos os impérios. Convém, portanto, diferenciar a explicação interna do símbolo e sua identificação histórica.

Relação doutrinária. A pedra e o reino eterno são relacionados doutrinariamente ao reinado do Messias. O parentesco entre Daniel e Apocalipse afirma a queda do domínio rebelde, mas não transforma cada detalhe dos dois livros em uma equivalência automática.

Aplicação pastoral. Quando as instituições parecem inabaláveis, a fé lembra que sua autoridade é temporária. Confiar em Deus permite cumprir nossas responsabilidades sem conceder a nenhum poder humano a lealdade que pertence ao Senhor.

2 O Filho do Homem e a autoridade de Jesus Cristo

Textos diretos e resumo. Daniel 7:9-14: o tribunal celestial se reúne e alguém semelhante a um filho de homem recebe domínio universal e permanente. Mateus 26:64 e Marcos 14:62: Jesus relaciona sua própria vindicação ao poder celestial e às nuvens. Apocalipse 1:7,13-18: Cristo se

manifesta com as nuvens e é apresentado como aquele que vive e venceu a morte.

Textos complementares e resumo. Mateus 24:30 e Lucas 21:27: o Filho do Homem vem com poder e glória. João 5:26-27: o Pai concede ao Filho autoridade para julgar. Apocalipse 5:6-10: o Cordeiro foi sacrificado e redimiu pessoas de diferentes povos.

Explicação textual. Em Daniel, o personagem se aproxima do Ancião de Dias; a visão não descreve exatamente a mesma direção de movimento de uma cena de retorno à terra. Jesus retoma sua linguagem para anunciar sua autoridade. A conexão cristológica é forte, mas exige respeitar cada cena.

Relação doutrinária. Aquele que recebe o reino também é o Redentor. A vitória profética não pode ser separada da cruz e da ressurreição. Apocalipse apresenta Cristo como Senhor da história e Cordeiro que salva.

Aplicação pastoral. Estudar profecia deve aprofundar nossa confiança em Jesus Cristo. Uma leitura que concentra toda a atenção no adversário perde de vista o personagem central da revelação.

3 As bestas e a perseguição dos santos

Textos diretos e resumo. Daniel 7:7-8,19-26: uma besta terrível e um chifre arrogante exercem violência, blasfêmia e perseguição até a intervenção do juízo divino. Apocalipse 13:1-10: a besta do mar reúne características de leão, urso e leopardo, recebe poder do dragão e combate os santos. Apocalipse 17:12-14: dez reis entregam autoridade à besta, mas o Cordeiro os vence.

Textos complementares e resumo. Mateus 24:9-13: Jesus anuncia ódio, engano e necessidade de perseverança. João 16:33: os discípulos enfrentam aflição, sustentados pela vitória de Cristo. Apocalipse 12:11: os fiéis vencem pelo sangue do Cordeiro e pelo seu testemunho, mesmo diante da morte.

Explicação textual. A combinação dos animais em Apocalipse 13 é uma alusão literária reconhecível a Daniel 7. Os dez chifres também conectam as visões. Entretanto, o chifre pequeno e a besta não devem ser equiparados sem explicar as diferenças entre suas descrições.

Relação doutrinária. A leitura futurista reconhece uma culminação do poder contrário a Deus em um governante e seu sistema. O termo Anticristo procede das cartas de João, não do vocabulário explícito de Daniel ou Apocalipse. Sua identificação com a besta é uma síntese doutrinária.

Aplicação pastoral. A fidelidade não depende de escapar de todo sofrimento. Cristo sustenta seu povo; o testemunho do perseguido não perde seu valor, ainda que o poder terreno pareça triunfar.

4 A profanação histórica e sua projeção profética

Textos diretos e resumo. Daniel 8:9-14,20-25: a visão identifica a Média e a Pérsia e a Grécia, e descreve um poder que ataca o povo e o santuário. Daniel 11:21-35: um governante enganador profana o santuário e persegue os fiéis. Daniel 11:36-45: descreve-se a exaltação de um rei e seu fim sem auxílio.

Textos complementares e resumo. Mateus 24:15 e Marcos 13:14: Jesus retoma o tema da abominação desoladora. Apocalipse 13:5-6: a besta blasfema contra Deus e sua morada. Segunda Tessalonicenses 2:3-4: o homem do pecado se exalta com uma pretensão divina.

Explicação textual. A profanação sob Antíoco IV, no século II a.C., oferece uma referência histórica importante para Daniel 8 e 11. Nem todos os chifres pequenos de diferentes visões precisam designar o mesmo indivíduo. A passagem a um governante futuro em Daniel 11:36 é uma interpretação futurista discutida; outros mantêm a referência histórica durante todo o capítulo.

Relação doutrinária. O antecedente histórico pode funcionar como padrão de uma oposição posterior mais ampla. Essa relação tipológica é argumentada a partir do conjunto das Escrituras; a semelhança não elimina o primeiro contexto nem demonstra que cada versículo tenha dois cumprimentos.

Aplicação pastoral. Conhecer a história evita interpretar cada guerra atual como uma identificação conclusiva. O discernimento se fortalece quando primeiro ouvimos o que a passagem comunicou aos seus destinatários.

5 As setenta semanas e o Messias

Textos diretos e resumo. Daniel 9:24-27: o anúncio se refere ao povo de Daniel e a Jerusalém; apresenta setenta semanas, a morte do Messias, a destruição da cidade e do santuário e uma interrupção dos sacrifícios. Mateus 24:15: Jesus cita Daniel em relação à desolação.

Textos complementares e resumo. Daniel 9:1-19: a profecia chega no contexto de uma oração sobre pecado e restauração. Lucas 24:26-27,44-47: Jesus interpreta as Escrituras em relação ao seu sofrimento, ressurreição e anúncio do perdão. Hebreus 9:26-28: a entrega de Cristo resolve o pecado e fundamenta a esperança de sua manifestação futura.

Explicação textual. As semanas são entendidas aqui como grupos de sete anos. As sete e sessenta e duas somam sessenta e nove; a morte do Messias aparece depois. A leitura dispensacional distingue uma última semana futura e entende o pacto de 9:27 como ação de um governante hostil. O sujeito desse versículo, a data inicial e o intervalo são pontos debatidos. Não se oferece uma data exata de cumprimento.

Relação doutrinária. A morte do Messias é relacionada cristologicamente à cruz. Situar a última semana em uma tribulação de sete anos é uma harmonização futurista, não uma frase literal de Apocalipse. Sua metade é conectada aos períodos de três anos e meio.

Aplicação pastoral. Daniel recebe revelação enquanto ora, não enquanto procura uma fórmula para controlar o futuro. O estudo profético deve ser acompanhado de dependência de Deus e gratidão pela redenção.

6 A abominação desoladora e os Evangelhos

Textos diretos e resumo. Daniel 9:27; 11:31; 12:11: aparecem desolação, profanação e interrupção do sacrifício. Mateus 24:15-22 e Marcos 13:14-20: Jesus adverte sobre a abominação, ordena fugir e anuncia uma tribulação excepcional. Lucas 21:20-24: Jerusalém cercada por exércitos precede a desolação, o cativo e o domínio gentílico.

Textos complementares e resumo. Segunda Tessalonicenses 2:3-8: a exaltação do adversário termina pela intervenção do Senhor. Apocalipse

13:11-18: o falso culto é promovido mediante engano, uma imagem e coerção econômica.

Explicação textual. Mateus nomeia Daniel expressamente. Em Mateus 24:15, Lacueva apresenta a expressão espanhola “abominación de la desolación”, correspondente a abominação da desolação, e sua nota remete a Daniel 9:27. A consulta foi verificada na página impressa 106, página 114 do PDF fornecido. Essa formulação não determina sozinha o autor da profanação nem sua data. A queda histórica de Jerusalém conserva importância em Lucas; não deve ser apagada ao relacionar o discurso a uma crise final.

Relação doutrinária. A interpretação futurista espera uma manifestação culminante de profanação. A relação com a imagem da besta é doutrinária e temática; Apocalipse 13 não cita explicitamente Mateus 24 nem define ali a abominação com esse nome.

Aplicação pastoral. Jesus une discernimento e ação concreta. Compreender sua advertência exige atender ao contexto e proteger a vida, sem buscar uma identificação precipitada de cada símbolo.

7 A grande tribulação e a libertação prometida

Textos diretos e resumo. Daniel 12:1: uma angústia sem precedente acompanha a intervenção de Miguel e a libertação dos inscritos no livro. Mateus 24:21-22: uma tribulação excepcional é limitada por causa dos escolhidos. Apocalipse 7:9-17: uma multidão de todas as nações sai da grande tribulação e está diante do Cordeiro.

Textos complementares e resumo. Daniel 10:12-14,20-21: a revelação inclui oposição espiritual e a função de Miguel em relação ao povo de Daniel. Apocalipse 12:7-12: Miguel e seus anjos combatem o dragão. João 10:27-29: as ovelhas de Cristo recebem vida eterna e permanecem sob seus cuidados.

Explicação textual. O povo de Daniel conserva sua referência israelita em Daniel 12. Apocalipse 7 distingue a enumeração das tribos e a multidão internacional; a relação entre os dois grupos recebe interpretações diferentes.

A visão não autoriza prometer sobrevivência física universal. Em Apocalipse há mártires cuja vida está segura em Deus.

Relação doutrinária. A proteção divina e a morte de alguns fiéis não são afirmações incompatíveis. A salvação eterna não depende de escapar de toda perseguição. Identificar todos os períodos de aflição com uma única fase exige argumentação.

Aplicação pastoral. A esperança acompanha quem sofre sem minimizar sua dor. O Senhor conhece os seus, e seu cuidado vai além da morte; essa certeza permite perseverar sem transformar a angústia em espetáculo.

8 Os períodos proféticos e seus limites

Textos diretos e resumo. Daniel 7:25 e 12:7: a opressão é delimitada por um tempo, tempos e metade de um tempo. Apocalipse 11:2-3: mencionam-se quarenta e dois meses para a cidade e mil duzentos e sessenta dias para o testemunho. Apocalipse 12:6,14 e 13:5: essas durações reaparecem na proteção da mulher e na autoridade da besta.

Textos complementares e resumo. Daniel 12:11-12: mencionam-se mil duzentos e noventa e mil trezentos e trinta e cinco dias. Mateus 24:36 e Atos 1:6-7: o conhecimento dos tempos e das épocas não fica à disposição humana.

Explicação textual. Quarenta e dois meses de trinta dias equivalem a mil duzentos e sessenta dias; a comparação utiliza essa convenção, não todos os calendários civis. A expressão de Daniel costuma ser interpretada como três anos e meio. Os sujeitos e pontos iniciais de cada passagem devem ser distinguidos. Daniel 8:14 acrescenta duas mil e trezentas tardes e manhãs, cujo cálculo tem interpretações diferentes; não se incorpora automaticamente à mesma sequência.

Relação doutrinária. Esses números mostram que a aflição é delimitada. Construir um calendário completo com eles envolve decisões exegéticas adicionais. Daniel 12 não explica exaustivamente por que aparecem os intervalos de mil duzentos e noventa e mil trezentos e trinta e cinco dias.

Aplicação pastoral. Reconhecer um limite de conhecimento também é fidelidade. A expectativa do Senhor pode ser firme sem um cronograma exato nem cálculos que prometam descobrir o que Jesus não autorizou fixar.

9 Israel Jerusalém e os redimidos das nações

Textos diretos e resumo. Daniel 9:24 e 12:1: a profecia conserva o povo de Daniel e sua cidade como referências. Lucas 21:24: Jerusalém permanece sob domínio gentílico até um limite determinado. Apocalipse 7:4-9: apresentam-se as tribos de Israel e uma multidão de todas as nações. Apocalipse 12:1-6,13-17: a mulher vinculada ao nascimento do filho é perseguida e protegida.

Textos complementares e resumo. Gênesis 37:9-10: sol, lua e estrelas oferecem um antecedente simbólico para Apocalipse 12. Romanos 11:25-29: Paulo fala do endurecimento parcial de Israel, de sua salvação e do caráter irrevogável do chamado divino. Efésios 2:13-18: judeus e gentios têm acesso ao Pai por Cristo.

Explicação textual. A mulher de Apocalipse 12 é entendida aqui principalmente como Israel, do qual procede o Messias. Outras leituras destacam Maria ou o povo de Deus em sentido mais amplo. A cidade de Daniel, a mulher e a Igreja não devem ser confundidas sem examinar suas respectivas funções.

Relação doutrinária. A continuidade das promessas a Israel convive com a unidade dos redimidos em Cristo. A ascendência étnica não constitui um caminho de salvação independente. Tampouco toda decisão de um Estado moderno equivale a um cumprimento profético aprovado por Deus.

Aplicação pastoral. O propósito de Deus convida a rejeitar a arrogância e o desprezo entre povos. A esperança de restauração é recebida com humildade e com o reconhecimento de que todos precisam da misericórdia do Senhor.

10 Os juízos o engano e o testemunho

Textos diretos e resumo. Apocalipse 6:1-17; 8:1-13; 9; 11:15-19; 15-16: selos, trombetas e taças apresentam juízo, aflição e vindicação. Mateus 24:4-

14: Jesus adverte sobre enganadores, guerras, fome e perseguição. Daniel 7:9-12,26: o juízo celestial põe fim ao domínio arrogante.

Textos complementares e resumo. Apocalipse 5:1-7: o Cordeiro é digno de abrir o livro. Apocalipse 6:9-11: os mártires esperam justiça. Mateus 24:23-28: os sinais de falsos cristos não devem ser confundidos com a manifestação do Senhor. Segunda Tessalonicenses 2:9-12: o engano acompanha a rejeição da verdade.

Explicação textual. Os temas de guerra e fome permitem uma comparação temática com o discurso de Jesus. Não provam uma equivalência exata entre cada sinal e cada selo. As sete unidades de cada série formam vinte e uma posições literárias, mas chamá-las de vinte e um acontecimentos sucessivos independentes é uma interpretação: existem leituras de sequência, inclusão e recapitulação.

Relação doutrinária. O juízo pertence a Deus e expressa sua oposição ao mal. Apocalipse também mostra a resistência humana ao arrependimento. A profecia expõe a necessidade da graça; não concede à Igreja autorização para executar vinganças.

Aplicação pastoral. O cristão pode pedir justiça sem alimentar ódio. Diante do engano, examina a mensagem à luz de Cristo e das Escrituras, em vez de aceitar como verdadeiro tudo o que pareça extraordinário.

11 A vinda gloriosa e a vitória do Cordeiro

Textos diretos e resumo. Mateus 24:29-31; Marcos 13:24-27; Lucas 21:25-28: depois da tribulação, anunciam-se a manifestação do Filho do Homem e a reunião dos escolhidos. Apocalipse 19:11-21: Cristo vence a besta, o falso profeta e seus exércitos. Daniel 7:13-14,26-27: termina o domínio do perseguidor e o reino é entregue.

Textos complementares e resumo. Zacarias 14:3-5: o Senhor intervém e é acompanhado por seus santos. Apocalipse 1:7: sua vinda tem manifestação pública. Segunda Tessalonicenses 2:8: o adversário é destruído pelo Senhor. Mateus 25:31-46: o Filho do Homem julga a partir de seu trono glorioso.

Explicação textual. A chegada de Cristo nos Evangelhos difere de rumores sobre aparições ocultas. Apocalipse apresenta um vencedor cuja autoridade

não depende de um acordo com a besta. Os exércitos celestiais de 19:14 têm sido interpretados como anjos, santos ou ambos; o versículo sozinho não identifica exaustivamente seus integrantes.

Relação doutrinária. A segunda vinda torna pública a vitória do Redentor. A compreensão de seu retorno com sua Igreja apoia-se na harmonização com as passagens sobre a reunião anterior dos crentes; deve ser explicada sem atribuir a cada texto toda a sequência.

Aplicação pastoral. A promessa do retorno sustenta o crente diante da injustiça. Esperar o Senhor significa confiar em seu juízo e agir com fidelidade, sem pretender produzir seu reino pela força humana.

12 O arrebatamento e sua relação com a profecia

Textos diretos e resumo. Primeira Tessalonicenses 4:13-18: os mortos em Cristo ressuscitam, e os crentes vivos são arrebatados com eles para encontrar o Senhor. Primeira Coríntios 15:51-54: os vivos são transformados, e o mortal recebe imortalidade. João 14:1-3: Jesus promete receber os seus para que estejam com ele.

Textos complementares e resumo. Primeira Tessalonicenses 1:10 e 5:9-11: os crentes esperam Cristo e não foram destinados à ira. Apocalipse 3:10: Filadélfia recebe uma promessa de preservação diante de uma prova futura. Mateus 24:31: anuncia-se uma reunião dos escolhidos no contexto da vinda gloriosa.

Explicação textual. Paulo responde ao luto e à preocupação com os crentes falecidos. O encontro ocorre nos ares; a passagem não declara quanto tempo se passa até um retorno à terra. A preservação de Apocalipse 3:10 foi entendida como exclusão da prova ou proteção durante ela. Ira divina e perseguição humana também não são termos idênticos.

Relação doutrinária. Este estudo adota o arrebatamento anterior à grande tribulação como uma síntese doutrinária. Não afirma que Daniel o anuncie expressamente nem que Mateus 24:31 seja uma prova inequívoca dessa localização. Outros cristãos sustentam cronologias diferentes sem negar o encontro futuro com Cristo.

Aplicação pastoral. O propósito pastoral do anúncio é o consolo. A esperança reúne o crente ao seu Senhor e oferece uma resposta à dor causada pela morte daqueles que confiaram nele.

13 As ressurreições o reino e o juízo final

Textos diretos e resumo. Daniel 12:2-3: os mortos despertam com destinos diferentes, e os sábios resplandecem. João 5:28-29: Jesus anuncia ressurreição de vida e de condenação. Apocalipse 20:1-15: Satanás é preso, os santos reinam com Cristo, ocorre uma rebelião final, e os mortos comparecem diante do grande trono branco.

Textos complementares e resumo. João 5:24: quem ouve e crê tem vida eterna. Primeira Coríntios 15:20-26: Cristo ressuscitado é as primícias, e a morte é o último inimigo vencido. Efésios 2:8-10: a salvação é pela graça, mediante a fé, e dá origem a uma vida de boas obras.

Explicação textual. Daniel e João apresentam os destinos da ressurreição sem desenvolver, sozinhos, todos os intervalos de Apocalipse. A leitura pré-milenista entende os mil anos como um reinado futuro posterior à vinda de Cristo. As leituras amilenista e pós-milenista entendem de outra maneira sua relação com a era presente. O grande trono branco não deve ser confundido automaticamente com todos os outros tribunais mencionados na Bíblia.

Relação doutrinária. O juízo segundo as obras manifesta a justiça divina; não transforma as obras em preço de redenção. A vida eterna procede de Cristo. Sua vitória resolve também o poder da morte, e não somente a opressão política.

Aplicação pastoral. A ressurreição permite enfrentar a morte com esperança e levar a sério a responsabilidade humana. A mensagem pastoral anuncia Cristo como Salvador antes de reduzir o futuro a uma ameaça.

14 A nova criação e a esperança eterna

Textos diretos e resumo. Apocalipse 21:1-8,22-27 e 22:1-5: Deus habita com os redimidos, desaparecem morte e dor, e a cidade vive na luz de Deus e do Cordeiro. Daniel 7:14,27: o reino divino é permanente. João 14:1-3: a comunhão com Cristo constitui o centro da promessa.

Textos complementares e resumo. Isaías 65:17: anunciam-se novos céus e nova terra. Segunda Pedro 3:13: os crentes esperam uma criação onde habita a justiça. Romanos 8:18-25: a criação espera libertação, e os crentes aguardam a redenção do corpo.

Explicação textual. Apocalipse distingue a derrota final do mal da cena da nova criação. A nova Jerusalém não deve ser reduzida a um programa urbanístico, nem seu simbolismo autoriza negar a realidade da esperança. A referência de Isaías exige seu próprio contexto e não deve ser forçada a coincidir em todos os detalhes com Apocalipse 21.

Relação doutrinária. A consumação inclui comunhão, justiça e vida. O centro não é a curiosidade sobre os materiais da cidade, mas a presença divina. Daniel anuncia um reino que permanece; Apocalipse permite contemplar a plenitude de seu desfecho.

Aplicação pastoral. A esperança eterna devolve dignidade ao serviço cotidiano. Deus não esquece o sofrimento nem abandona sua criação à corrupção. Esperar seu cumprimento permite acompanhar o aflito com uma promessa firme e sóbria.

15 A revelação e a vigilância cristã

Textos diretos e resumo. Daniel 12:4,8-10: o profeta guarda a revelação e reconhece que não compreende tudo. Apocalipse 22:10,16-20: o livro não é selado e termina com a promessa de Cristo e o pedido de seu retorno. Mateus 24:36-51 e Marcos 13:32-37: os discípulos devem vigiar sem conhecer o dia nem a hora.

Textos complementares e resumo. Mateus 25:1-30: as parábolas apresentam preparação e responsabilidade. Lucas 21:34-36: Jesus chama à atenção e à oração. Apocalipse 1:3: é declarado bem-aventurado quem ouve e guarda a profecia. Tito 2:11-14: a graça ensina a viver enquanto se espera a manifestação do Salvador.

Explicação textual. O contraste entre o livro selado e o livro aberto conecta as duas obras, mas não significa que cada enigma esteja resolvido para o leitor atual. Daniel 12:4 não identifica expressamente aviões, internet ou inteligência artificial. Sua referência ao conhecimento é discutida em relação à compreensão da revelação e a outros sentidos possíveis.

Relação doutrinária. A vigilância é uma resposta à graça e à promessa, não um mecanismo para comprar salvação. Cristo continua sendo o fundamento da segurança do crente. A expectativa do retorno e o serviço presente precisam caminhar juntos.

Aplicação pastoral. Vigiar significa ouvir o Senhor, orar e servir com sensatez. Não exige viver em alarme permanente. A profecia conduz a uma esperança que fortalece o amor e a responsabilidade.

Dúvidas frequentes

Todo o livro de Daniel trata exclusivamente do futuro final? Não. O livro inclui acontecimentos históricos, reinos identificados e revelações de alcance final. Devem ser distinguidos o primeiro referente, uma possível função tipológica e a consumação esperada; não são categorias intercambiáveis.

Os chifres de Daniel 7 e 8 representam necessariamente o mesmo personagem? Não. Daniel 8 se situa expressamente no contexto da Média, Pérsia e Grécia. A semelhança do símbolo não elimina o contexto particular de cada visão.

Daniel afirma expressamente um intervalo entre as semanas sessenta e nove e setenta? Não o formula dessa maneira. A leitura futurista o deduz da comparação com outras passagens e dos objetivos de 9:24. Outros intérpretes entendem uma sequência contínua. Deve ser apresentado como conclusão exegética.

A queda de Jerusalém esgota o discurso de Jesus? Lucas conserva uma dimensão histórica muito concreta. A leitura futurista também reconhece uma perspectiva final. A relação entre os dois horizontes é discutida e deve ser argumentada, em vez de apagar um deles.

A reunião de Mateus 24:31 demonstra um arrebatamento anterior à tribulação? Não. Em seu contexto, segue o anúncio da tribulação. A posição pré-tribulacionista distingue essa reunião do arrebatamento de Paulo ou a relaciona a outra fase; a distinção exige uma harmonização adicional.

Os santos de Apocalipse são sempre um grupo idêntico? A palavra expressa pertencimento a Deus; sozinha, não identifica em cada cena sua composição histórica nem sua relação cronológica com a Igreja. O contexto deve determinar a referência.

Os mil anos são aceitos da mesma maneira por todos os cristãos? Não. O pré-milenismo, o amilenismo e o pós-milenismo oferecem leituras diferentes. Este estudo mantém uma leitura pré-milenista sem atribuir às outras posições uma negação automática da autoridade bíblica.

Um desastre, uma tecnologia ou um governante atual permitem fixar o cumprimento? Nenhuma passagem estudada oferece uma lista de nomes

contemporâneos. Apocalipse 13 vincula a marca à autoridade e à adoração da besta; não identifica expressamente uma tecnologia atual. A prudência evita afirmar mais do que foi demonstrado.

Perseverar significa conquistar a salvação pelo esforço? A perseverança expressa a fidelidade de quem confia em Cristo; não substitui a redenção. Mateus 24:13 deve ser lido no contexto de perseguição e à luz do conjunto do Novo Testamento. Sua relação precisa com libertação física ou salvação final é discutida; não corresponde transformá-lo em um mérito que compre vida eterna.

Por que estudar o que não compreendemos completamente? Para reconhecer a soberania de Deus, discernir o engano e receber consolo. A existência de detalhes difíceis não elimina as afirmações claras sobre o retorno de Cristo, a ressurreição, o juízo e a esperança eterna.

Conclusão pastoral

Daniel anuncia que os reinos humanos não conservarão seu domínio para sempre. Jesus revela que o Filho do Homem retornará com autoridade e glória. Apocalipse mostra a derrota do adversário e a comunhão definitiva de Deus com os redimidos. A relação entre esses escritos é compreendida melhor quando Cristo ocupa o centro.

Os vínculos explícitos, as alusões literárias e as harmonizações doutrinárias não têm exatamente o mesmo grau de certeza. Reconhecer essa diferença protege a fidelidade do estudo e permite conversar com outros crentes sem confundir a esperança comum com uma uniformidade interpretativa absoluta.

A segurança do crente está no Salvador, não na capacidade de decifrar cada cronologia. Sua resposta é confiar, perseverar, acompanhar quem sofre e servir enquanto espera. A última palavra pertence ao Senhor que venceu a morte e cumprirá sua promessa.

Perguntas para estudo e conversa

1. Quais explicações dos símbolos são fornecidas pelo próprio livro de Daniel e quais procedem de uma identificação histórica posterior?
2. Como nossa leitura muda quando o Filho do Homem e o Cordeiro ocupam o centro?
3. Qual é a diferença entre uma citação expressa de Daniel em Mateus e uma semelhança temática com Apocalipse?
4. O que Daniel 9 afirma sobre seu povo e sua cidade? Quais pontos de sua cronologia exigem interpretação?
5. O que a presença de mártires ensina sobre a proteção de Deus?
6. Por que não podemos usar os períodos proféticos para fixar a data do retorno?
7. Quais passagens descrevem diretamente o arrebatamento e quais apoiam uma interpretação sobre seu momento?
8. Como se relacionam a graça, a esperança e o serviço presente?

Bibliografia e notas de consulta

Bíblia Reina-Valera 1960. Sociedades Bíblicas. Texto-base das referências e citações breves; os resumos e explicações são redação editorial. Os resumos em português são traduções editoriais próprias, não citações de uma Bíblia publicada em português. As passagens principais são identificadas em cada seção.

Francisco Lacueva. Nuevo Testamento Interlineal Griego-Español. Exemplar digital fornecido. Consulta verificada: Mateus 24:15, página impressa 106, página 114 do PDF; tradução interlinear espanhola “abominación de la desolación” e nota que remete a Daniel 9:27. As conclusões cronológicas deste estudo não são atribuídas a Lacueva. O interlinear do Novo Testamento não é uma fonte hebraica ou aramaica para Daniel.

Narrativa Daniel Apocalipsis Evangelios RBB. Documento de trabalho fornecido, 6 páginas. Foi utilizado como ponto de partida editorial; a autoridade doutrinária pertence às Escrituras.

Consulta bíblica digital: Bible Gateway, Reina-Valera 1960. Daniel 2, 7, 8, 9, 11 e 12; Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21; Romanos 11; Apocalipse 6-13, 19, 20 e 22. <https://www.biblegateway.com/> — consulta: 9 de outubro de 2026.

Contexto histórico complementar: University of Chicago, Encyclopaedia Romana, “Antiochus IV”. Referência à profanação do templo sob Antíoco IV e a Josefo, Antiguidades Judaicas XII.5.4. https://penelope.uchicago.edu/encyclopaedia_romana/miscellanea/trivia/no-man.html — consulta: 9 de outubro de 2026. Fonte histórica auxiliar, não fundamento doutrinário.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA RELAÇÃO PROFÉTICA ENTRE O LIVRO DE DANIEL E APOCALIPSE, EM CONSONÂNCIA COM OS EVANGELHOS

Cristo, centro da profecia e da nossa esperança

1 Deus governa a história Daniel 2:44 · Apocalipse 11:15



Os reinos humanos passam; o reino de Deus permanece.

2 O Filho do Homem Daniel 7:13-14 · Mateus 26:64



Jesus Cristo recebe autoridade e um reino eterno.

3 As bestas e os santos Daniel 7:7-8 · Apocalipse 13:1-7



O poder rebelde persegue; Deus julga e estabelece seu limite.

4 As setenta semanas Daniel 9:24-27



Povo, cidade e Messias. A última semana futura é uma interpretação.

5 A abominação desoladora Daniel 11:31 · Mateus 24:15



Jesus remete a Daniel: discernir a profanação e atender sua advertência.

6 A grande tribulação Daniel 12:1 · Mateus 24:21



A angústia não é o fim. Deus conhece e sustenta os seus.

7 Os tempos têm limite Daniel 7:25 · Apocalipse 12:14



Um tempo, tempos e metade de um tempo: a opressão é delimitada.

8 Israel e as nações Daniel 9:24 · Romanos 11:25-29



As promessas a Israel permanecem; todos precisam da graça de Cristo.

9 O arrebatamento 1 Tessalonicenses 4:16-17 · João 14:3



Cristo reunirá os seus. A localização pré-tribulacional é uma interpretação.

10 A vinda gloriosa Mateus 24:30 · Apocalipse 19:11-16



O Filho do Homem virá com poder e glória.

11 Ressurreição e juízo Daniel 12:2 · João 5:28-29



A morte não encerra a história: haverá ressurreição e juízo.

12 A esperança eterna Apocalipse 21:3-4 · 22:20



Deus habitará com os redimidos. Esperamos o retorno de Cristo.

Personalizado por: Ruperto Bravo Benavente (R.B.B.)

Referências: Reina-Valera 1960 · Interlinear Grego-Espanhol, Francisco Lacueva

Síntese futurista e pré-milenista. Sem fixar datas.

Resenha curricular do compilador



RUPERTO BRAVO BENAVENTE (R.B.B.)

Desenvolvedor sênior de projetos e especialista em engenharia de processos com mais de 40 anos de experiência na estruturação técnica e financeira de complexos industriais, agroalimentares e de infraestrutura crítica.

Especialista na modernização de modelos de investimento e na implementação de tecnologias avançadas (extrusão, criogenia, HIMSS 7), com foco na viabilidade econômica sob padrões internacionais da Câmara de Comércio de Paris (ICC).

Compilador e responsável pela edição de materiais bíblicos e didáticos para estudo. Residente em Buenos Aires, Argentina.

Nesta obra, atua como idealizador, compilador e responsável pela apresentação editorial. O conteúdo doutrinário é fundamentado nas referências bíblicas indicadas e deve ser examinado à luz da Sagrada Escritura.

Nota editorial: foram incluídos somente antecedentes profissionais pertinentes para uma publicação pública; são omitidos dados pessoais sensíveis, documentos de identidade, endereços e outros dados privados.